

PRÊMIO OFF FLIP DE  
LITERATURA 2020 -  
CONTOS

# TERRA ANFÍBIA

ROMUALDO  
DE  
ANDRADE

---

---



**A**cordo. Levanto-me num salto e varo pela casa em direção à mesa. Vejo a máquina de escrever à minha espera, vadia e ociosa. Como em quase todas as manhãs, retiro a folha em branco, ainda úmida da noite anterior, e, trêmulo, troco por outra, com esmero e certeza. Amasso a folha dormida, faço uma bola e miro-a no cesto. Erro. Ajusto os espaços, alinho o parágrafo e regulo a tabulação; limpo os tipos com um velho chicle mascado, olho a sequência ASDFG e faço uma leve misura com os dedos sobre as teclas à guisa de uma nova palavra, incompreensível. Arredo o mocho e me sento; ajeito o encosto e aprumo meu torso, empertigado. Nada. Levanto-me e vou até a varanda. Vejo a quietude do dia, e uma poalha cinza cobre todo o descampado deixando-o num vazio primordial e caótico. Volto à mesa, sento-me e começo: tec... tec... *O chilrear dos pássaros anuncia uma manhã que se espreguiça sonolenta e fria. A lua, pouco a pouco, é encoberta por essa languidez que dá lugar a uma claridade modorrenta e úmida. Do orvalho que caíra à noite sobre a relva, tem-se uma vaga impressão de que, ao longe, um pequeno e diáfano lago paira sobre o imenso tapete verde que, ao se repontar todo aljofrado, se deita e se alonga até perder-se de vista. Sobre este, como um gigantesco lençol que ameaça encobrir a paisagem de cinza, uma neblina espessa dá sinais de dissipar sua névoa como um fantasma dúbio e indeciso que não encontrara seu objeto de procura em uma séance. O silencioso amanhecer que emoldura*

Ouçó uma voz que me chama pelo nome e que vem de dentro da casa. Paro. Olho para os lados e não vejo ninguém. A sequência da narrativa fora bruscamente interrompida e, logo agora, reclamo. “Quem?”, chego a perguntar em voz alta. Grito um “quem é?” e o som de minha voz reverbera pela casa vazia. Não ouço resposta. Levanto-me e vou até a porta da frente e vejo apenas o velho Diógenes deitado, que, ao me ver, abana o rabo curubento; neste momento, sua boca mole e desdentada erra um par de moscas que voa e azoina

ao seu redor, em círculos. Volto à mesa e miro a máquina. Vejo que a folha mantém suas quase nove linhas iniciais datilografadas, intactas. Nada está fora do lugar.

Volto a sentar e ajeito-me novamente no mocho sem me preocupar muito com o ocorrido. Continuo: tec... tec... *esta manhã é quebrada pelo crepitar das toras do paulato recém-partidas e pelo cheiro que se desprende de seu lenho ainda resinoso ao se incandescer no fogão de barro. A fumaça que se solta da lenha em combustão, como uma fada a bailar, silenciosa e etérea, tem um duplo efeito: de incensar a casa e, ao mesmo tempo, afastar os insetos que ameaçam, com incessante zumbido, a quietude do lugar. Sobre o fogão, uma chaleira de alumínio tisoneta ferve e dela desprende-se um vapor fumegante, adocicado e rascante da casca da árvore-de-preciosa. Minhas papilas foliáceas já farejaram o gosto travoso do chá encarnado que inunda a boca antes mesmo de sorvê-lo: imagino-o vertido em uma velha e estalada xícara de esmalte, ao mesmo tempo que, pela ânsia de um longo e demorado gole, queima os lábios, a língua, a traqueia... até se alojar, ainda quente, em meu estômago vazio. Do forno, como uma água-furtada rente ao fogão, passa pelas ilhargas de suas gretas o olor dos tufados ovos de tracajá...*

Novamente a voz matraqueia algo ininteligível. Paro. Incrédulo e ainda sem saber o que está acontecendo, procuro ao meu redor o dono da voz que, aos poucos, me vai tirando do sério. Dou uma rebanada e começo a perscrutar pela casa inteira: vou até o copiar da casa e não vejo nenhuma alma viva; olho atrás da porta e nada. Em seguida, abro a rede ainda gelada e úmida da friagem da noite e não vejo ninguém. Volto à varanda e me deparo com Diógenes, que tenta vomitar uma boa mão de capim. Na certa deve ter comido um cururu, penso. Ninguém. Começo a imaginar os fantasmas que minha avó dizia que habitavam esta casa. Segundo ela, eram as visagens de antepassados mortos nos tempos da Cabanagem que sempre desciam para anunciar, para seus novos

moradores, o ouro por aqui enterrado. Ao longo do tempo, devido às abusões familiares, o ouro foi transformando em objeto de medo, respeito e descaso. Essas riquezas eram o pouco que os portugueses conseguiram trazer consigo e enterrar antes de os cabanos irromperem aqui nestas paragens. Agora, estes fantasmas descem à Terra, penso, com a missão de fazer com que os laços que ainda os unem a este plano sejam finalmente desfeitos e assim possam migrar para o derradeiro e merecido descanso.

Agora lembro, quando criança, das narrativas de minha avó, e começo a achar que a história tem cá um fundo de verdade. Segundo ela, os portugueses que haviam fincado os pés em Belém há muitas gerações, quando perceberam, depois de muita teimosia, que a situação não lhes era nenhum pouco favorável, decidiram fugir dos miseráveis e revoltosos nativistas com o que conseguiam levar de valioso. O ano era 1835 quando os bicudos, assim os caboclos os chamavam, fugiram às pressas de uma Belém revolta e em chamas. Remaram meses a fio por rios desconhecidos. Abicaram suas igarités onde era possível: atravessaram os aningais em que a cobra-grande e a boiuna reinavam majestosas; abriram furos, cercaram paranás e transpuseram ilhas imemoriais de matupás. Foram expulsos pelo caopora quando adentraram em seu território. Sonhavam com o jurupari e fugiam insones para os rios e, lá, eram paralisados pelos volts dos poraquês: seus corpos tremiam tanto que seus cabelos levavam dias para voltar ao normal de tão tesos que ficavam. Ali, eram chupados até a última gota de sangue pelas sanguessugas-de-cavalo ou tinham suas extremidades decepadas pela aguçada dentição serrilhada das piranhas-pretas. Quando em terra, eram alvos dos negros enxames de mutucas que os deixavam com suas rosadas caras tão inchadas que era necessário gritar o nome para identificar quem-era-quem naquele magote de maltrapilhos. À noite, se não bastasse o suplício do dia, eram fustigados pelos carapanãs que os

obrigavam a dormir meio de bubuia e com a água pela cintura. Entupidas, suas locas no baixo ventre eram protegidas com cera de tataíra para que não fossem penetradas pelos escorregadios e lisos candirus. Na busca de um lugar seguro, também tiveram suas filhas estupradas ou encantadas pelos assoberbados e voluptuosos tucuxis. Lá, embrenhados em uma mata que mais lhes parecia um capricho de Dante, encontraram refúgio num lugar em que até o próprio Criador demorou um bocado de tempo para se dar conta de que ali era também resultado de sua criação. No entanto, quando lhes parecia que a floresta já não oferecia mais nenhum perigo, foram descobertos. Amarrados, foram estuprados, retalhados e salmourados ainda vivos. Aqueles que conseguiram esconder debaixo da terra suas reles riquezas, eles o fizeram, mas não foram poupados. Os que sobreviveram mantiveram-se escondidos em aningais ou construíram seus paperis no inextricável âmago dos igapós e por lá ficaram por meses a fio, até que o movimento fosse completamente extinto.

Depois de lembrar dessa epopeia lusitana nos trópicos, vou esperar aqui, do lado de fora, para ver se há algum movimento suspeito. Deito-me na rede e olho para o céu. As nuvens escuras aos poucos se dissipam e um sol meio sem jeito põe para trabalhar seus primeiros raios. Ouço barulho na escada. Levanto a cabeça e espio através dos punhos da rede como se estivesse camuflado. É Diógenes que sobe a escada com suas unhas compridas e a baba escorrendo: vê-me na rede, chega mais perto, dá uma volta em seu próprio eixo e deita como se estivesse a se agasalhar. Conto os tufo de pelos nas suas costas e vejo um carrapato negro e grande na parte interna de sua orelha. Volto a olhar para o céu e retorno à infância passada nesta velha casa. Aqui, o quiriri que agora envolve meus dias só é quebrado por um crocitar distante de uma coruja panema que erra durante o dia; pelo trinado de algum João-de-barro a arquitetar sua casa na cumeeira do copiar ao lado; pelo dobrar de um canário-

do-reino que cedo ajuda a raiar o sol ou de um urubu-jereua a corvejar por uma carniça recém-disputada. Este abutre, que agora vejo acima, em círculos, talvez tenha sido o meu primeiro brinquedo real-imaginário que mantenho vívido na memória: via-o voluteando ao sabor das correntes de ar com uma perícia única e soberba; o céu, vestido de um manto cerúleo, formava nuvens de padrões tão diversos que minha imaginação desenhava formas e bichos inexistentes e que logo eram apagados pelo vento, como se, em um borrador gigante, o Criador brincasse de desenhar. No instante seguinte, Ele voltava a desenhar figuras, ainda carentes de algum significado, num círculo pareidólico de iteração constante. Era ali, naquele gigantesco palco dum azul infinito, como um Caribebé altivo, que aquele bailarino negro evoluía. Eu, miúdo, em terra, como um inseto áptero a admirá-lo, de inveja morria. Adormeço.

Acordo e já é quase meio-dia. Tento recobrar a pausa bestamente perdida. Ambos, Diógenes e eu, caímos numa madorna. Um grito agudo de um pássaro quebra nosso silêncio. Diógenes, agora parte para cima de um rapace cauré que naquele instante dá um voo rasante e atita sobre uma galinha e sua prole, que piscam apáticos e alheios aos perigos aéreos. Vejo a mãe atônita e, sem saber o que fazer, gira em círculos, cacareja e tenta contar seus filhotes com seu pescoço de vaivém. Volta a cacarejar, agora num misto de angústia e desespero, e já não se dá conta de que um de seus amarelinhos está lhe faltando. Naquele mesmo instante, um gafanhoto passa por perto da angustiada mãe e tira-lhe a atenção. Ela e todos seus filhotes restantes saem em disparada atrás do inseto que, em zigue-zague, salta assustado e estridulando. Perco-os de vista quando todos somem nas reboladas de artemísias que ornaram a frente da casa. Compungido por um não-sei-o-quê-de-tristeza levanto-me e vou até a mesa. Tudo intacto. Olho para o fogão e o que vejo agora é uma mistura de alumínio, cinza e carvão que se amalgamaram naquilo que antes era uma chaleira. Vou em direção a

Remington e sento-me. Troco a folha, faço uma bola, miro-a ao cesto. Acerto. Ajeito os espaços e alinho os parágrafos. Sento-me no mocho frio e começo: tec... tec.

*Seguro e a bordo da corveta Elisa, fundeada na baía do Guajará, Pereira de Andrade haveria de se lembrar quando, aos vinte anos, deixou sua Trás-os-Montes para correr terra numa América verde, quente e úmida. Agora, passadas quase quatro décadas, o velho boticário assiste à tomada de sua amada Belém, impotente, derrotado e sozinho.*